

CENÁRIO *RETORNA*: VOLTA AO PASSADO

O cenário fictício *Retorna: volta ao passado* é contado por meio de um diálogo entre avós e neto sobre o processo de desenvolvimento sergipano até 2050, no qual percebem que os problemas enfrentados pela sociedade continuam similares aos de décadas anteriores. O cenário *Retorna: volta ao passado* possui a seguinte ideia-força:

Até 2050, Sergipe experimentou uma nova fase de prosperidade, impulsionada pela exploração de “energias tradicionais”: petróleo e gás natural. Houve crescimento econômico, mas não se observou significativa melhoria na qualidade de vida da população. A economia ficou dependente da produção de energia e extração mineral e, assim, perdeu-se mais uma vez a chance de diversificá-la. A visão de longo prazo foi deixada de lado e não foram gerados consensos capazes de orientar investimentos em áreas estratégicas. Na educação, a gestão pedagógica estagnou em métodos tradicionais de ensino. Assim, Sergipe ficou sem rumo e os recursos foram destinados a políticas econômicas e sociais sem perenidade, atendendo aos interesses de curto prazo dos governos que se sucederam.

“EU JÁ VI ESSE FILME!” (JULHO DE 2050)

Estamos em uma manhã nublada na cidade de Pacatuba, Sergipe, em que avô e neto se encontram na aprazível sacada da casa de praia da família. Diogo tem 30 anos e seu avô, Seu Wilson, 82. Os dois têm algo em comum, apesar de serem de gerações diferentes: fizeram carreira no segmento de petróleo e gás natural. Tendo como ponto de partida suas profissões, iniciam um rico diálogo sobre as transformações econômicas e sociais vivenciadas em Sergipe ao longo dos anos 2020-2050, para o qual Dona Selma, 80 anos, esposa de Seu Wilson e avó de Diogo, contribuirá.

[Diogo está sentado ao lado do avô para conversar, enquanto contemplam o mar.]

SEU WILSON: Meu neto, ainda está por aqui? Não vai chegar atrasado à embarcação?

DIOGO: Vou não, vô! Só embarco na aeronave amanhã para chegar ao porto.

SEU WILSON: Tá doido que eu voava numa aeronave não tripulada!

DIOGO: É super tranquilo, vô. É igual aos nossos carros autônomos em Aracaju, só que a via é aérea [pequeno riso sarcástico].

SEU WILSON: Na minha época, a gente ia de barco ou helicóptero, a depender da distância. Lembro até hoje de meus embarques no Terminal Marítimo Inácio Barbosa (TMIB), de Barra dos Coqueiros. Havia um pequeno píer, por onde saíam as embarcações de tripulação e apoio logístico. O terminal praticamente só funcionava para isso, um desperdício! Vez ou outra apareciam navios graneleiros para transporte de soja ou milho.

DIOGO: Muito diferente de hoje! Temos em Sergipe um dos mais modernos portos para transporte de insumos energéticos e químicos do mundo!

SEU WILSON: Arrepare! Nem nos meus sonhos eu esperava que isso fosse acontecer! E vem cá, esse porto é isso tudo mesmo?

DIOGO: Ele é um porto de referência no Brasil, vô! Essa história começou lá em 2025. A recém criada Agência de Desenvolvimento (Desenvolve-SE) sabia do potencial que um novo porto traria para alavancar o desenvolvimento do estado, mas não sabia como fazer isso virar realidade. Havia alguns desafios: o mar de baixo calado e a concorrência de grandes e consolidados portos na região, como os de Salvador, Maceió e Recife, que poderiam inviabilizar o projeto. Foi então que decidiram contratar estudos prospectivos e de viabilidade da melhor consultoria do mundo em infraestrutura portuária. Acho que nunca um dinheiro foi tão bem gasto! (risos).

SEU WILSON: E como foi que chegaram à conclusão de que seria viável a construção de um novo porto? Deu até saudades do TMIB agora...

DIOGO: A consultoria apontou que não adiantava simplesmente mais um porto igual aos concorrentes regionais, que tinham estruturas para vários tipos de mercadorias, e já eram integrados a várias rotas produtivas na economia regional. Todavia, esses portos regionais não eram muito eficientes e tinham altos custos operacionais.

Os consultores perceberam que Sergipe e o Nordeste estavam prestes a se tornar um polo nacional de transição energética, impulsionado pela exploração do gás natural como combustível de transição e pela expansão da produção em grande escala de hidrogênio de baixo carbono.

A inovação do hidrogênio, vô, levaria à ampliação da produção de "energias limpas" aqui no estado, como solar e eólica, uma vez que seria possível armazená-las e exportá-las a países desenvolvidos.

Assim, foi considerado que o desenvolvimento dessas cadeias geraria uma enorme demanda pela exportação de nossas fontes energéticas renováveis, demanda que a maioria dos portos brasileiros não estava preparada para

atender, uma vez que apresentavam modelos de gestão pesados e ultrapassados.

A consultoria, então, propôs que Sergipe fizesse um porto de médio porte, mas altamente especializado em cargas de cunho energético e químico. Para sua construção e gestão, deveria ser adotado um modelo induzido de Parceria Público Privada (PPP). Além disso, sugeriu-se investir em um modelo operacional altamente tecnológico, o que reduziria drasticamente os custos e daria competitividade ao porto. Foi um projeto ousado, com certo risco, mas que deu muito certo!

Na época, o governo do estado começava a fazer prospecção com o governo e o mercado chinês, que logo se interessaram pelo projeto, visto que se alinhava com seus anseios expansionistas para a América Latina, principalmente no setor de infraestrutura e energia, além de ser uma chance das indústrias chinesas exportarem suas modernas e tecnológicas soluções de gestão e operação portuária. O banco dos BRICS financiou o projeto e uma *holding* de empresas chinesas entrou na PPP, investindo bilhões na construção do moderno porto.

SEU WILSON: Oxente! E esse porto mudou a economia do estado, né?

DIOGO: E como! Eu diria que esse projeto foi um divisor de águas para Sergipe. Embora o número de empregados diretos no porto não seja muito grande, face à intensa utilização de tecnologia em sua operacionalização, ele gerou muita sinergia com a vocação energética e mineral do estado, atraindo e impulsionando muitas empresas desses setores e da área de logística e construção civil.

O impacto econômico foi tamanho para Sergipe que, além de impulsionar a indústria vinculada às cadeias energéticas e minerais, o movimento foi importantíssimo para o setor de serviços, que acompanhou a expansão do fluxo de pessoas no estado, seja para trabalhar ou visitar. Uma série de eventos sobre energia e minerais têm ocorrido por aqui! Assim, toda a cadeia de turismo conseguiu se desenvolver na esteira da energia e dos minerais!

SEU WILSON: É uma locomotiva mesmo esse negócio de energia! Sabe meu neto, tenho tanto orgulho de você seguir os caminhos desse seu velho avô... Ao menos alguém na família ouviu meus conselhos!

DIOGO: Ah, eu tenho muito a agradecer ao Sr.! Nada disso teria sido possível se não tivesse me auxiliado na especialização em robótica marítima lá no Rio de Janeiro.

SEU WILSON: Bons tempos, meu neto! Foi um prazer, lembra que te acompanhava nas viagens algumas vezes? Na minha época, não vou falar que foi fácil, mas a gente resolvia tudo por aqui. Fiz o curso de soldador, depois mergulhador e a especialização de soldador subaquático. Tudo em Aracaju. Quantas saudades... Hoje em dia não. A gente sabe que esses cursos de ponta existem só fora daqui.

DIOGO: Sim, vô. Você sabe que sou, dentre meus colegas de escola pública, um dos que estão em melhor situação, né? A maioria nem emprego formal tem. Trabalham como prestadores de serviços, fazendo bico em restaurantes ou construção civil, aproveitando o *boom* da energia. Muita gente está passando aperto desde que os serviços de transporte por aplicativo e as entregas de comida passaram a ser autônomos.

E olha que se não fosse aquela bolsa do governo estadual de trabalho remunerado ao pessoal, as coisas estariam bem piores. Só quem se especializou ou tinha facilidade com tecnologias da informação (TI) está se dando bem. E mesmo assim para trabalho remoto, com empresas de fora, pois trabalhar aqui em Sergipe, você sabe, tá complicado...

SEU WILSON: Mas tá ruim assim, mesmo!? E os benefícios do novo porto que você falou, o *boom* da energia?

DIOGO: Então, vô. A realidade é que nossa economia de fato prosperou com os *royalties* da cadeia mineral e energética nas últimas duas décadas. Entretanto, são setores tradicionais e que pouco têm gerado dinamicidade e complexidade econômica no estado.

A grande questão é que não houve políticas públicas efetivas que aproveitassem esse crescimento econômico e viabilizassem um novo modelo de desenvolvimento, que viesse a ser mais inclusivo, sustentável e atento às inovações do mercado e da sociedade.

O Sr. pode perceber isso pela proporção de sergipanos que estão empregados nessas cadeias mais complexas: sou uma exceção, a maioria dos meus conhecidos não chega nem perto dessas áreas. E quando chega é para os poucos trabalhos de suporte, de menos qualificação, que os robôs ou sistemas autônomos não dão conta. Lá na plataforma, além de mim, só as cozinheiras e os operadores de limpeza são sergipanos. Os engenheiros e analistas e operadores de TI são todos de outros estados ou gringos.

SEU WILSON: Mas por que os sergipanos não estão conseguindo bons empregos, mesmo que nos setores tradicionais? Eu achava sua escola tão

arrumadinha: você tinha educação em tempo integral, reforço escolar e prática de esportes à tarde, 3 refeições por dia...

DIOGO: Vô, de fato as escolas eram até legais. Mas foi um choque quando a gente chegou no mercado de trabalho. As grandes empresas da área quase todas pediam conhecimento básicos de inteligência artificial, robótica ou programação! Nunca vimos isso com profundidade... Até tinha laboratório de informática e mídias sociais na escola, mas jamais nos aprofundarmos nesses temas.

Só quem se interessava muito pelo assunto, como eu, dava um jeito de fazer uns módulos à distância nos tempos livres, com ajuda do professor. E mesmo assim, o senhor lembra que não foi o suficiente para conseguir emprego na área. Precisei fazer computação na Universidade Federal de Sergipe (UFS) para começar a fazer bicos de programação e só consegui meu primeiro emprego depois da especialização no Rio de Janeiro.

[Neste momento, a avó de Diogo, Dona Selma, que ouvia a conversa enquanto cozinhava, entra no diálogo.]

DONA SELMA: Essa história eu conheço bem! Minha irmã Alice trabalhava na Secretaria de Educação quando houve a expansão do contraturno escolar. O problema, ela dizia, é que era utilizado apenas para reforços escolares a alunos que tinham notas baixas e para práticas desportivas.

Ela comentava que com isso, junto ao aprimoramento da infraestrutura e à valorização relativa da classe docente, Sergipe até melhorou nos indicadores educacionais, mas não tivemos um olhar para a implantação de novas metodologias de ensino voltadas às novas competências exigidas por esses tempos modernos.

DIOGO: Realmente, vovó. Lembro de aulas de português e matemática, além de educação física na parte da tarde. Entretanto, não havia conexão das matérias com o mercado de trabalho, tanto que tive que fazer cursos fora de Sergipe para trabalhar em atividades profissionais no nosso estado. Muitos dos meus colegas não tiveram a oportunidade de, assim como eu, estudar fora.

Sabe, não entendo o porquê de Sergipe não ter deslanchado na educação. A gente olha pra vários estados vizinhos do Nordeste e vemos que ficamos para trás. Não estou falando só do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) não, onde a gente melhorou um pouco, mas continuamos entre os três piores do Nordeste. Estou falando da inserção no mercado de trabalho.

No Ceará, os alunos já saem do 2º grau com pelo menos uma formação tecnológica, industrial. Pernambuco virou um celeiro de grandes talentos na

área de inovação e tecnologia. Na Bahia, as grades do 2º grau estão ligadas a um conjunto de 10 diferentes áreas de vocações profissionais. Já aqui, apenas algumas optativas “legaizinhas”, mas superficiais. O que faltou?

DONA SELMA: A verdade, Diogo, é que nossos governantes nunca se preocuparam para valer com a educação. Nunca houve um planejamento estruturado para mudar as coisas. Essa expansão mesmo, das escolas integrais e melhoria de suas estruturas, só aconteceram porque o governo federal orientou e condicionou repasses. O piso nacional dos professores melhorou e foi elevando, por consequência, o salário aqui. A educação nunca foi prioridade a ponto de merecer uma estratégia bem desenhada, como aconteceu com o Porto de Sergipe, que você falava.

Agora, você deve saber que algumas frentes na sociedade têm se mobilizado para melhorias, mas suas propostas não encontram espaço nas instituições do Estado. Há iniciativas interessantes do Sistema S e de associações empresariais para capacitações profissionais. Além disso, há associações e organizações do 3º setor que militam por uma educação atenta a questões socioemocionais. Entretanto, não vemos nada disso sendo trazido de maneira efetiva no governo...

Enquanto isso, nossos vizinhos do Nordeste têm aproveitado o *boom* das energias limpas para, em parceria com esses e outros atores, transformarem a realidade educacional, como você comentou. Todos encontraram seus caminhos! Todos com planejamentos que trazem esses atores de algum modo na formulação ou implementação de medidas inovadoras!

DIOGO: Que triste, minha avó... Acaba que apenas o dinheiro dos *royalties* não basta, é preciso um intenso trabalho de gestão, não é?

SEU WILSON: Pois é meu neto. Sergipe repete o mesmo erro do passado, não me conformo. O governo não lidera um projeto para dinamizar a economia e transformar a educação.

Enquanto isso, essa cadeia baseada na energia tradicional já começa a se esvaír. Veja todas as inovações da transição energética! O petróleo está cada vez sendo menos usado, seu preço só fez cair na última década! O gás começa a virar uma fonte obsoleta e cara também!

Olhe, quero nem pensar, mas lembro como hoje dos impactos dos desinvestimentos da Petrobrás de 30 anos atrás... Lembra de Carmópolis, Selminha?

DIOGO: É verdade, vô, a Plataforma Sergipe em Águas Profundas 1 tem previsão de ser desativada em 4 anos. Além disso, a Petrobras já anunciou que em breve pretende investir mais nas energias limpas do que em petróleo e gás.

DONA SELMA: Bem, meus amores. Para continuarmos a conversa, precisamos nós também de muita energia! Diogo, podem vir você e seu avô! Almoço está servido!

SEU WILSON: Ah, essa energia sim me deixa feliz! Nada melhor que uma comida caseira. Arroz, feijão, farinha, uma buchada de bode no jeito... Eita coisa boa!

DONA SELMA: Que buchada o quê! Fiz pro nosso neto! Você já não é mais menino... Tem pressão alta e diabetes. Para o Sr. Wilson, dieta controlada para não morrer pela boca. Não está fácil médico no posto!

DIOGO: Como assim, minha avó? Não conseguem marcações no Sistema Único de Saúde (SUS)?

DONA SELMA: Marcações de consultas, exames - enfim, acompanhamento médico - conseguimos a duras penas. Em geral, demoram meses até sermos atendidos. Há falta de médicos, que acham baixos os salários do SUS. Plano de saúde já faz uns 20 anos que não temos, virou coisa de rico. Quando é algo mais simples, pagamos clínica particular ali no Siqueira Campos. Até hoje tem aquelas clínicas populares, que cada vez mais estão menos populares, se é que você me entende...

Olhe, Diogo. Na saúde pública, minha irmã Cecília sempre comentava que o planejamento das ações vinha se mantendo muito centrado na lógica do tratamento. Há poucas medidas efetivas de prevenção, como as que ouvimos falar que já são realidade no Sul do país, que lida com o envelhecimento populacional já há mais tempo... Lá, os idosos são respeitados em sua integralidade, eles vivem bem!

Essa mudança seria muito importante aqui em Sergipe. Afinal de contas, está cheio de velhinhos da nossa geração aí precisando de atendimento! A pirâmide etária do estado já está invertida, faz uns 8 anos que a população começou a encolher. Isso só fez aumentar a demanda sobre o SUS, que parece estar em colapso, principalmente para atendimentos ambulatoriais e clínicos!

DIOGO: É verdade, minha avó. Além disso, a epidemia de transtornos mentais tem sido um problema já há algum tempo e só se ouve sobre novas formas de tratamento. Políticas públicas de prevenção ainda são pouco efetivas nesse campo também, bem como o número de profissionais em saúde mental. Ouço isso no relato de colegas meus com filhos, de crianças e jovens cheios de

problemas psicológicos, dada a ampla digitalização e pressão social para que sejam adultos bem sucedidos...

Mas vó, vocês não recebem visitas de profissionais de saúde em casa? Vocês já estão com idades avançadas, deveriam se preservar um pouco mais e evitar pegar esse calor no centro de Aracaju.

DONA SELMA: Pois é, meu neto... Não somos atendidos em casa, não. Os investimentos em saúde, advindos dos *royalties* da energia, estão mais concentrados na reforma de hospitais, com aquisição de equipamentos modernos, na telemedicina... Seria muito bom se os doutores viessem até aqui, mas eles priorizam visitas às casas de famílias com crianças até 02 anos de idade. Depois disso, esqueça!

Sabe, às vezes me parece que ainda não atentaram ao grande problema que está sendo o envelhecimento dos sergipanos e, com isso, acabam relegando possíveis alternativas simples, as quais poderiam ser muito efetivas... O clássico pensamento de acharem que medidas grandes, caras, prontas e importadas salvarão nossos problema. É o mesmo problema da educação: apenas o dinheiro não resolve!

SEU WILSON: Agora veja meu neto: eu gosto de ir até o centro da cidade, sou um senhor jovem, pergunte a sua avó! Há linhas de ônibus modernas em Aracaju, eletrificadas. Claro que temos que esperar um tempinho, mas conseguimos utilizá-las!

DIOGO: Ainda bem que o Sr. sempre se cuidou e ainda consegue fazer todas essas coisas, né vô! A expectativa de vida aqui em Sergipe não é das melhores. Ah, se não fosse vóinha cuidando do Sr...

Pois saiba que os ônibus a que o Sr. se refere têm ligação com os investimentos em cidades inteligentes aqui no estado. Graças aos *royalties*, os governos conseguiram contratar soluções que aparecem na Grande Aracaju. Essas alternativas são apresentadas ao governo ora por empresas internacionais, ora pelo governo federal, que busca replicar medidas que ele mesmo implanta.

Entretanto, essa história de cidades inteligentes poderia ser bem mais desenvolvida, com tecnologias que melhorariam a educação e a saúde públicas sergipanas, as quais se aproveitariam de dados na formulação de políticas! O que acontece é que não há uma atuação planejada nos governos para ampliar a escala dessas inovações, como vemos em outras localidades. Mas também, nem mesmo haveria mão de obra apta para lidar com tanta tecnologia aqui no estado...

Imagine, vô: a secretaria de saúde se preparando com antecedência para combater focos de doenças e monitorando a incidência dos diferentes tipos de acidentes, por território! Igual às grandes capitais do país! Não seria mágico?

SEU WILSON: É meu neto, se tivéssemos essa gestão inteligente, identificaríamos que há um idoso faminto aqui em Pacatuba nesse momento! Vamos continuar essa conversa à mesa! Comida igual à da sua avó não há e o cheirinho está tentador!

[Diogo e seus avós sentam-se à mesa para almoçar e continuam a conversa.]

DIOGO: Vô Wilson tem toda a razão, essa comida está maravilhosa, vovó! Depois faço um depósito para vocês, o preço dos alimentos está muito caro. Com essa loucura no clima, está cada vez mais difícil produzir comida. Nossa pequena agricultura é pouco valorizada e, se não fosse a inovação das sementes resistentes às secas severas, não sei o que exportaríamos hoje em dia...

SEU WILSON: Oxente! Não precisa de depósito não rapaz, quase tudo aqui vem da família, lá no interior! Mas me conte, essas sementes modificadas chegaram mesmo em Sergipe?

DIOGO: No caso do milho e da soja, os dois principais produtos agrícolas do estado atualmente, o próprio agronegócio cuidou de trazer as sementes, vô. Agora, quem teve papel decisivo para o desenvolvimento delas aqui no estado foram as empresas públicas de pesquisa e desenvolvimento agrário, a Embrapa (federal) e a Emdagro (estadual), que têm mantido modernos laboratórios e biofábricas de sementes.

Isso tem auxiliado inclusive a manter Sergipe com uma pequena chama de agricultura familiar ainda acesa, o que foi fundamental para diversificar e abastecer o mercado local, mesmo com a pressão política das monoculturas do agronegócio e climática do aquecimento global. Como o Sr. mesmo diz, isso que garante o alimento em nossa mesa!

SEU WILSON: É, meu neto. A ciência desenvolve o agronegócio, mas é colocada em questionamento quando vai de encontro aos interesses dos grandes produtores que praticam monocultura e que continuam com imensa participação nos parlamentos do país e de Sergipe...

Por falar em agricultura familiar, você tem notícia de Cléverson, seu primo? Ele decidiu se vai vender mesmo o sítio de Macambira?

DIOGO: Clevinho não conseguiu vender ele ainda, não, vô. Acabou arrendando para uma multinacional da soja e se mudou para a cidade. Está em Nossa Senhora do Socorro, procurando emprego. É mais um exemplo da dura realidade dos pequenos produtores aqui em Sergipe. O problema já é antigo: os preços daquilo que produzem são baixos e o custo da produção é alto. Grandes setores do agronegócio e do varejo sempre saem beneficiados e não deixam vez a eles. Também não há políticas públicas robustas para reverter o quadro. Não sei como a pequena propriedade se manterá daqui alguns anos...

Talvez o que mantenha nossa pequena produção no estado seja a modernização das técnicas de cultivo e comercialização que houve nos últimos anos, em especial por conta da atuação da UFS e do Instituto Federal de Sergipe (IFS) em algumas cidades do interior. Além disso, é de se valorizar as poucas iniciativas de cooperativas que ainda sobrevivem.

Entretanto, o alcance dessas melhorias é limitado: o ensino básico permaneceu estagnado, com estudantes que chegam com muitas deficiências de aprendizagem ao ensino superior. Isso, somado à necessidade precoce dos jovens em ter que trabalhar, tem diminuído o interesse deles no acesso às universidades, uma vez que não percebem grandes vantagens. Não há oportunidades de emprego atraentes atreladas ao que irão aprender. Fora que muitos, atraídos pelo mundo urbano, deixam a zona rural. Conseguem empregos, é bem verdade, mas que pagam muito mal...

DONA SELMA: Olha, os jovens que permanecem na zona rural e continuam a produção com seus familiares, como fazia Clevinho, só o fazem pela paixão pelo trabalho no campo e com grande dependência dos pequenos subsídios estatais, que garantem a subsistência. Do contrário, já teriam desistido!

Mas veja, Diogo: o pessoal da pequena agricultura, em especial dos assentamentos rurais, tem realizado muitos protestos para tentar reverter essa situação. Seu tio, Heitor, tem liderado diversas ações junto ao governo. Participa de conselhos para reforma agrária e tudo. A luta, diz ele, está intensa. Conseguem vez ou outra algumas vitórias, mas sempre fala que não sossegarão enquanto não enxergarem a pequena produção em seu devido lugar!

DIOGO: Interessante, vô. Uma luta que deve ser realmente longa e difícil, frente à postura tradicional dos governantes em todas as áreas de políticas públicas que comentamos.

Para piorar, os conflitos pelo mundo têm aumentado o preço dos insumos agrícolas, dificultando a vida dos pequenos agricultores. E o preço só não foi maior porque Sergipe consolidou-se com um dos grandes pólos de produção

de fertilizantes no país, ao conseguir junto com outros estados, como Bahia e Paraná, sensibilizar o Governo Federal a incluir essa cadeia em programa nacional de produção de insumos estratégicos. Assim, foi disponibilizado para a produção de fertilizantes o gás natural aqui explorado, em condições competitivas!

SEU WILSON: É, a coisa está fácil não. Se não fosse a energia tradicional, o que seria de Sergipe? Lamento pelo seu primo, Clevinho, faz tempo que não nos visita... Heitor, seu tio, também, sempre sem tempo, envolvido nas discussões com os pequenos produtores e governo...

Inclusive, lembro de alguns amigos lá do interior que se “penduraram” muito com financiamento agrícola de banco para investirem na propriedade. Em alguns anos ruins de chuva, reclamavam que teriam dificuldades para pagar as prestações. De lá para cá, ficaram muito reféns dos governos, alguns perdoavam as dívidas total ou parcialmente, outros não davam esse apoio. Atualmente, com as chuvas cada vez mais irregulares, imagino que estão passando sufoco.

DIOGO: Pois saiba que a realidade poderia ser pior se não fosse o investimento em iniciativas de abastecimento hídrico no campo, graças aos recursos dos *royalties* da energia. Todas as medidas são tradicionais, é verdade, mas houve ampliação da implementação de perímetros irrigados, adutoras, pequenas barragens, cisternas. Entretanto, como já falamos, estão dissociadas de um plano que realmente valorize a pequena produção agrícola no nosso interior, que sofre com a constante ampliação da grande monocultura.

Sabe, isso retrata até mesmo o grande desperdício de não estarmos aproveitando nosso potencial na bioeconomia, que está bombando no país com diversas iniciativas junto a pequenos produtores, as quais têm até mesmo restaurado as vegetações nativas...

DONA SELMA: Bem lembrado, Diogo. O que temos nessa área são algumas associações que lutam como podem para a subsistência de seus pequenos produtores. Elas contam com apoio de universidades e de alguns pequenos empresários, mas são iniciativas que não ganham muito espaço dentro das instituições públicas, como já comentamos. Acaba que se tornam projetos muito pontuais, não ganham escala, nem têm força para combater a expansão das grandes propriedades que praticam a monocultura...

SEU WILSON: É incrível como que em todos esses anos de problemas climáticos no país não encontramos uma política em Sergipe que incentive os grandes proprietários a preservarem os biomas! E muitos deles nem aqui

moram, assim vão acabar com tudo! Há diversos locais em rios e açudes que me banhava na juventude com sua avó que não existem mais... É muito triste...

DIOGO: É, vô. Adoro ver as fotos de vocês! Entender como era Sergipe das antigas... Sabe que o governo até chegou a criar o Plano de Economia Verde na segunda metade dos anos 2020, que procurava orientar o Estado rumo a uma economia regenerativa, mas infelizmente os governos posteriores decidiram dar o rumo tradicional à economia. O dinheiro dos *royalties* e o foco curto prazista e eleitoreiro teve mais força... Afinal, é custoso em termos políticos e econômicos pensar em um novo modelo, que atente à preservação ambiental. Os recursos que a exportação da produção de grandes propriedades propicia fala mais alto...

DONA SELMA: É isso mesmo, meu neto. Olhe, não é que a gente não possa aproveitar os recursos das energias tradicionais, da mineração e das grandes propriedades rurais, mas estamos perdendo diversas oportunidades ao não trilharmos novos rumos, mais modernos, até porque todos esses setores são finitos, né! Uma hora acaba! E aí, como fica Sergipe?

SEU WILSON: E aí acaba tendo que trazer (mais) tecnologia e pessoal de fora para trabalhar! Não se criou nada inovador aqui dentro!

DIOGO: Correto, vô. O resultado de anos de importação desses fatores de produção é que, embora tenhamos crescido economicamente, a pobreza é alta no estado. Nossos indicadores sociais são ainda bastante baixos, uma vez que a riqueza gerada pelos *royalties* fica concentrada para poucos, que muitas vezes são de outros países, não sendo revertida em desenvolvimento para o estado.

SEU WILSON: Realmente, meu neto. Seja na Grande Aracaju ou no interior, a pobreza é evidente, bem como a violência. É normal andarmos com medo por aí. Há moradias precárias, pouco comércio é gerado, todas as inovações vêm do Sudeste ou mesmo dos grandes estados do Nordeste, quando não de outros países... Às vezes me pergunto como essa gente consegue se virar.

DIOGO: É, vô. À medida que não foram construídas políticas efetivas de inclusão produtiva nesses anos todos com os *royalties* das energias, as quais viessem a aproximar a força de trabalho a oportunidades inovadoras, as ferramentas disponibilizadas à sobrevivência do povo têm se mantido assistencialistas, mediante as famosas bolsas, tão criticadas por nossos setores produtivos, mas essenciais para nossa sociedade.

Além delas, foram desenvolvidos novos programas de assistência social, como ampliação da aquisição de alimentos dos pequenos agricultores, inovações

para o acolhimento de vulneráveis, programas habitacionais, restaurantes populares, elaboração de novos planos de direitos humanos e de segurança alimentar e nutricional... Nada de novo, é verdade.

Enfim, avançamos nessas pautas com todo o dinheiro da energia, mas não conseguimos progredir para algo mais complexo, que viesse a inserir as pessoas em oportunidades que de fato as emancipassem ou as colocassem com boas chances de se desenvolverem no mercado de trabalho. Assim, muitas pessoas têm ficado sempre dependentes dos auxílios governamentais e o contingente de dependentes pouco diminui...

DONA SELMA: Wilson, querido: estamos em 2050! Mudou muita coisa hoje em relação ao seu tempo de juventude?

SEU WILSON: Selminha, desde quando me encantei por você até agora, só vejo mais do mesmo. De tudo o que conversamos aqui, em alguns momentos parecia que eu estava em um *déjà-vu*. Impressionante que, nesses anos todos, a nossa economia e as dificuldades da sociedade mudaram muito pouco.

DIOGO: É, meus avós... As soluções são as mesmas, mas me parece que os problemas decorrentes poderão ser piores... Envelhecimento populacional, questões climáticas intensificando as secas, tecnologia se desenvolvendo em ritmo acelerado e não sendo incorporada, enfim, temos alguns fatos novos... Estaríamos perdendo o bonde da história?

[Silêncio reflexivo se instaura sobre a mesa]

DONA SELMA: Bem, meus amados! Vão querer suco de laranja? Olha que ainda tem a sobremesa hein... A prosa está muito boa! Dá orgulho desse meu neto sabido!

DIOGO: Quero suco de laranja, vó! Vamos falar de coisa boa! Nosso estado é o segundo maior produtor de laranja do Nordeste!

DONA SELMA: Já há alguns anos, né Diogo! Sabia que em Estância há fábricas de suco que até exportam? Mas lá atrás, nos anos 80-90, Sergipe foi o segundo maior produtor do Brasil! Só perdia para São Paulo.

DIOGO: Nossa, vó... Quer dizer que regredimos então. Será que não evoluímos em nada em termos econômicos, fora energia?

DONA SELMA: Olha, meu neto... Temos o leite, que virá na sobremesa, logo logo! Doce de leite caseiro, feito com leite de vaca da fazenda, que a vizinha me trouxe do Sertão!

Lembro que no início dos anos 90 tínhamos famosas marcas de laticínios. Já nos anos 2000, algumas áreas do Sertão aumentaram muito suas produções, como o povoado Santa Rosa do Ermírio, em Poço Redondo-SE, umas das áreas mais secas do estado e onde mais se produz leite até hoje!

Ao longo desse tempo, a pesquisa em genética do rebanho avançou muito e a política de distribuição das matrizes para disseminar a genética contribuiu bastante. Além disso, houve a instalação de uma adutora e, nesse setor, houve políticas públicas interessantes!

Todo esse sucesso incentivou empresários sergipanos a investirem em fábricas de processamento de leite na cidade de Nossa Senhora da Glória, conhecida como capital do sertão!

DIOGO: A senhora sabe muito, vó! Uma doutora dentro de casa?

DONA SELMA: Está pensando o quê? Acha que só porque sei cozinhar bem é que não estudei é? Nasci em Porto da Folha e me mudei para a capital aos 12 anos. Vivenciei muito essa realidade na minha infância. Depois, fiz o curso de técnico agrícola, mas infelizmente não consegui trabalho. Não havia muitas oportunidades interessantes, o que você nota que pouco mudou em Sergipe... Geralmente priorizavam a mão de obra masculina.

Falando nisso, quando me casei com seu avô, fiquei com as tarefas domésticas para auxiliá-lo. A vida era mais dura sem tantas facilidades em eletrodomésticos igual hoje! E esse peso acaba sempre sobrando para a mulher...

Hoje você enxerga esse fardo no cuidado com os idosos... Jéssica, sua esposa, não pôde vir hoje, pois está cuidando da avó dela! É isso, meu neto... Sem o devido investimento público em saúde para a população idosa e não havendo renda suficiente para investirmos nos caros planos privados, acaba que o cuidado deve se dar no âmbito familiar... Mas você será diferente, não é mesmo, Diogo!? Cuidará dos seus avós e não deixará tudo para as mulheres da família!

DIOGO: Com certeza, minha avó! E ainda tenho muito a aprender com vocês!

SEU WILSON: Viu meu neto, que tenho bom gosto? Torço para o Vasco, campeão do mundo em 2045, e para o Dragão do Bairro Industrial, campeão brasileiro de 2048! Além disso, sua avó é a mulher perfeita!

DIOGO: É isso mesmo, vô! Sou muito fã de vocês. E tenho uma surpresa: a história da família continuará! Uma nova geração dos "Macêdo" está a caminho!

DONA SELMA E SEU WILSON: Que benção, nosso netinho! Essa criança será muito amada! Cabe agora a sua geração aprender com os repetidos erros do passado e construir um estado que acolha e dê boas perspectivas aos novos sergipaninhos!